

Rosilene Luduvico - Lugar sem nome

Lugar de origem

A vitória nos arredores de Vitória. Este pronunciamento soa como um final feliz. Na verdade porém esta primeira mostra individual de Rosilene Luduvico em uma instituição brasileira, intitulada “Lugar sem nome”, no Museu Vale do Rio Doce em Vila Velha no Estado do Espírito Santo é somente o ponto de partida para um recomeço, ou seja, para reintroduzir sua produção artística atual no Brasil, desde que fixou residência na Alemanha em 1995.

Desde criança Rosilene era consciente de seu interesse artístico. Sua vida pacata na região serrana do Espírito Santo, mais especificamente na região serrana entre Vitória e Pedra Azul¹, era o alimento para sua imaginação lúdica infantil. A solidão local lhe permitiu fazer com que ouvisse a si mesma e assim convenceu os pais a permitirem que ela se mudasse para a cidade de Vitória, a fim de continuar seus estudos e conseqüentemente sua trajetória. Foi na casa de uma prima, que a jovem pôde se preparar até a maturidade a fim de vir a frequentar a academia de arte local. De 1988 a 1995 Rosilene estudou artes plásticas na Universidade do Espírito Santo. Recém formada ela almeja ampliar suas fronteiras seguindo no mesmo ano para a Alemanha.

A renomada Academia de Düsseldorf e conseqüentemente a “Escola de Pintura de Düsseldorf” possui desde sua criação, em 1773, uma grande reputação com enfoque na pintura de gênero, competindo por muito tempo, no contexto alemão, somente com as academias de arte de Berlim e Munique. Além disto, grandes mestres da arte contemporânea lecionaram nesta academia, apesar de não se dedicarem especificamente à pintura. Um dos grandes exemplos é Joseph Beuys, ligado a esta academia nas décadas de 1960 e 1970 de forma muito polêmica e inovadora, criando grandes conflitos entre ele e o corpo docente, o que causou, por fim, seu afastamento da instituição.

Rosilene Luduvico frequentou a Academia de Arte de Düsseldorf primeiramente como ouvinte, entre 1997 e 1998, sendo aluna de Konrad Klapheck. A pintura do mestre era dominada por características do neo-realismo, surrealismo e pop-art, as quais dominam sua produção até os dias de hoje. Klaphek foi contemporâneo e colega de Yves Klein, Jesús Rafael Soto, Lucio Fontana e René Magritte, entre outros. Indiretamente, Rosilene passa a ter um convívio assíduo com protagonistas da arte contemporânea, a qual ela acompanhava, até então, principalmente pela literatura.

Entre 1999 e 2003, Rosilene frequenta o curso de pintura com o professor Siegfried Anzinger, o qual, por sua vez, leciona desde 1997 na Academia de Arte de Düsseldorf. Anzinger é um dos artistas austríacos mais reconhecidos internacionalmente, mas que optou por viver e lecionar na Alemanha, sendo um dos maiores defensores da “Neue Malerei” (Nova Pintura). Este movimento se estabeleceu no início da década de 1980 mais especificamente na Áustria,

¹ Durante sua infância Rosilene dividia o “Lugar sem nome” com poucos outros habitantes, hoje esta região e arredores se transformou em um grande centro turístico desfigurando em partes as características idílicas de sua memória de infância.

reconhecido pelo carregado gesto expressivo e cores fortes. Anzinger abandonou esta tendência há anos e se utiliza nas pinturas mais recentes de cores pastéis. A figura feminina é uma constante em sua produção atual transposta de forma sutil por traços e contornos bem modelados como em um desenho. Deste mestre, Rosilene Luduvico herdou, provavelmente, não somente algumas das características da pintura, como também a perseverança, pois ele propaga o (di) lema: "Die Malerei ist ein tägliches Scheitern" (A pintura é um fracasso diário).

A concretização de sua formação acadêmica mal pôde ser celebrada como um fato isolado, porque ela passou a estar conseqüentemente interligada a sua inserção no âmbito profissional. Surgem aí frutíferas parcerias, as quais proporcionam a Rosilene uma plataforma de atuação ampla, posicionando sua obra em instituições e coleções de renome, como extensão prática do cotidiano em seu atelier fixado em Düsseldorf.

A descrição acima surge evocando uma trajetória à primeira vista linear, a qual, porém, oculta detalhes, creio eu, decisivos na formação da artista Rosilene Luduvico e conseqüentemente de seu processo produtivo. Os traços e rastros desta experiência se vêem, sem dúvida, enraizados nas telas que a artista produz. Cabe a nós vislumbrá-los.

Lugar decisivo

A pintura, o desenho e demais formas de expressão artísticas recorrentes possuem há tempos um lugar decisivo na vida de Rosilene Luduvico. Sua trajetória pessoal está como que emoldurada pelo entorno da pintura. Eis um privilégio, não nato, porém conquistado!

A relação do sujeito artista com o objeto pintura compõe um ciclo, harmonioso ou conflitante. Adorno já se referia à relação entre objeto e sujeito como uma batalha constante e nem muitas vezes palpável: "Uma vez radicalmente separado do objeto, o sujeito reduz o objeto a si mesmo; o sujeito devora o objeto, ao esquecer quão objeto vem a ser o próprio sujeito. A imagem temporal ou não de uma harmoniosa identidade entre sujeito e objeto é porém romântica; esporadicamente uma projeção saudosista, hoje uma mentira"². Rosilene Luduvico já superou esta dualidade contraditória, pois sua atitude e obra se encontram imersas em plena simbiose e maturidade.

A mostra "Lugar sem Nome", composta de pinturas de pequena e grande escala, desenho e instalação remetem ao universo próprio da artista – solitário, nômade, bucólico, introspectivo, lúdico ...

O título sugerido por Rosilene Luduvico – Lugar sem Nome - enfatiza o macrocosmo rodeado por barreiras flexíveis, interculturais, incluindo aí todo e qualquer lugar imaginável e inimaginável. Os protagonistas de sua obra ocupam um espaço neutro, puro e virgem. Toda e qualquer representação sinaliza uma ruptura com a massificação da vida contemporânea. O fator temporalidade é

² Theodor W. Adorno, *Philosophie und Gesellschaft*, Frankfurt a.M., Reclam Verlag, 2000, 76. (Tradução livre da autora).

distinguido por cenas noturnas e diárias, assim como algumas paisagens que relatam estações distintas do ano.

Lugar espacial

Todo e qualquer lugar deve ser considerado pelo espaço que ocupa ou sua capacidade espacial.

“Lugar sem Nome” foi elaborada para um espaço específico: aquele do Museu Vale do Rio Doce. “Lugar sem Nome” foi baseada em lugares marcantes da infância de Rosilene Luduvico. “Lugar sem Nome” foi elaborada considerando o percurso nômade, privado e profissional de Rosilene Luduvico nos últimos anos. A simbiose deste amplo contexto é a mostra, pois nenhum dos fatores acima justifica por si só sua existência.

Já Foucault propagava a coexistência de várias camadas e contextos que se sobrepõem formando o todo: “O espaço no qual vivemos, que nos leva para fora de nós mesmos, no qual a erosão das nossas vidas, do nosso tempo e da nossa história se processa num contínuo, o espaço que nos mói, é também, em si próprio, um espaço heterogêneo. Por outras palavras, não vivemos numa espécie de vácuo, no qual se colocam indivíduos e coisas, num vácuo que pode ser preenchido por vários tons de luz. Vivemos, sim, numa série de relações que delineiam sítios decididamente irreduzíveis uns aos outros e que não se podem sobre-impôr”³.

A mostra, ocupando todo espaço do Museu Vale do Rio Doce, está dividida de forma sutil por gêneros de pintura: paisagem urbana e campestre, além do retrato. Todas as obras foram elaboradas especificamente para este projeto e enfatizam um diálogo generalizado baseado nos sonhos, inquietações, indagações e ambições de Rosilene Luduvico. O conteúdo da mostra é pulverizado por todo o museu sem perder o equilíbrio ao ocupar espaços monumentais, medianos e introspectivos.

Em um dos extremos do Museu Vale do Rio Doce, em uma sala isolada, é apresentado um desenho emblemático, o qual, entretanto, assume um papel central na exposição. Com a leveza de um sonho infantil surge uma carruagem fascinante a levantar vôo, puxada por cinco pássaros, imersa em um ambiente puro e neutro. O condutor atento dirige seu veículo de transporte com máxima compenetração e empenho, como se estivesse executando uma tarefa honrosa, semelhante à atuação de Afrodite. Conforme a mitologia grega, Afrodite se utiliza de uma carruagem puxada por pássaros para salvar Adonis da morte⁴. O único

³ Michel Foucault, De Outros Espaços, Traduzido por Pedro Moura Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967. (publicado igualmente em Architecture, Movement, Continuité, 5, de 1984)

⁴ Afrodite, a Deusa do Amor, teve vários amantes, entre eles Adonis, criado e protegido por ela. Porém, um dia, contra seu conselho, Adonis foi caçar um javali selvagem e acaba sendo morto pelo animal. Afrodite escuta seus gemidos de dor, partindo imediatamente para

testemunho da cena reproduzida por Rosilene Luduvico é uma sábia coruja atenta a apreciar o percurso, sentada na carruagem. A dinâmica da cena é enfatizada pelo movimento de duas bandeiras esvoaçantes sobre a carruagem. As rodas imensas provam seu desempenho por meio de aros monumentais e coloridos como a se intercalarem neste percurso lúdico. O desenho não se apresenta isolado no espaço expositivo, ele está imerso em seu microcosmo reluzente composto por purpurina aplicada por toda a sala. Surge aí o caráter instalativo da obra de Rosilene Luduvico, que vem explorando em experiências distintas o abandono de um suporte convencional, para agir mais livremente, criando um lugar mais amplo de diálogo e vivência de sua obra com o espectador⁵. A leveza do desenho e o brilho da purpurina seduzem o visitante neste ambiente introspectivo. Também para a mostra “Lugar sem nome” Rosilene idealizou a realização de uma pintura efêmera a ser executada diretamente sobre as paredes da instituição, a qual existirá somente durante o período da mostra.

O caminho se abre para um conjunto de telas de pequeno formato, singelas e *naïv* à primeira vista. A purpurina do contexto anterior é aqui transposta para as telas individualmente e em tons distintos. A sutileza paira no ar. Ao espectador irrequieto cabe explorar este contexto de forma mais meticulosa. Surge aí a imagem de pequenos seres isolados e imersos em seu próprio universo, evitando trocar olhares com o observador, pois a maior parte dos representados não revelam sua identidade, estando posicionados de costas. Acompanhados de seus poucos pertences embalados de forma simples, passam a fazer parte da paisagem deste microcosmo, no qual estão imersos. Rosilene Luduvico tem sua sensibilidade aguçada pelas metrópoles cosmopolitas que percorreu nos últimos anos, como Nova York, Tóquio e Londres, entre outras – fixando seu olhar não no contexto monumental, mas no refugio destas cidades e culturas potentes. Aí descobriu seus valiosos protagonistas. A escolha do pequeno formato das telas para esta representação é uma decisão muito consciente. Esteticamente, o pequeno formato das telas tendo a purpurina como material de fundo, cria em si uma visualidade típica de algo valioso a ser preservado em pequenas porções. Este cenário é ocupado pela modesta representação de indivíduos isolados, desolados, à beira da existência coletiva, ou seja, à margem da sociedade. Eles são apresentados em meio à natureza rochosa ou campestre, acompanhados somente pela lua, pelo sol, pelas nuvens ou por uma irrupção vulcânica, como se indicassem o passar do tempo.

Esta atitude foi imposta ou foi uma opção. A causa nos é obscura, resta-nos especulações diversas. Pode-se dizer que um mito é criado, o mito do desmembramento de certos seres da sociedade burguesa. Nela há preceitos claros a serem seguidos: “... na sociedade burguesa não há cultura proletária,

buscá-lo em sua carruagem puxada por pássaros, porém já o encontra sem vida e ensangüentado. O sangue era tão brilhante que a Deusa o transforma em uma flor para perpetuá-lo, a anêmona, que cresce, na primavera, nas ladeiras das colinas.

⁵ Rosilene Luduvico realizou várias ocupações espaciais entre elas uma em 2003 intitulada “Sweet mystery of Life” em parceria com Takeshi Makishima no Parkhaus em Düsseldorf, composta de uma pintura sobre parede de 225 x 360cm. Em 2006, os mesmos artistas realizaram a obra “The wink of the white horse”, também como pintura diretamente sobre a parede, no Westlondonprojects em Londres.

não há moral proletária e também não há arte proletária: ideologicamente tudo o que não é burguês acaba por ceder diante da burguesia. A ideologia burguesa é capaz de suprir tudo. (...) Certamente há revoltas contra a ideologia burguesa. Elas são idênticas ao que se chama normalmente de *Avantgarde*. Mas estas revoltas vistas pela sociedade são indiscutivelmente limitadas podendo vir a ser reincorporadas nos preceitos sociais usuais”⁶. Deste ponto de vista, na sociedade contemporânea há fenômenos e tentativas isoladas de sobrevivência, à margem das imposições. Por outro lado, à margem das grandes metrópoles, o isolamento social vivido por elementos particulares não decorre, provavelmente, de uma consciente atitude espontânea e sim como causa de um desmembramento social involuntário, imposto pelo sistema, longe de qualquer atitude heróica ou romântica. Estes fatores, porém, não fazem parte do relato de Rosilene Luduvico, que de forma purista foca seu olhar, atitude e devoção a momentos isolados de solidão. Solidão esta considerada como um momento enriquecedor e de ordem construtiva, não precisando necessariamente de consolo.

A mostra “Lugar sem nome” trouxe a Rosilene a possibilidade de voltar a produzir no Brasil e para o público brasileiro. Este desejo estava latente por muitos anos na artista, tanto que este desafio lhe é muito bem vindo, pois acompanhado de grande expectativa por ela mesma, pelo público brasileiro e especialmente pelo público de Vitória, cidade onde iniciou sua carreira artística⁷.

De volta ao seu habitat natural e com um atelier provisório em seu local de nascimento e infância, Rosilene Luduvico se dedica à execução de representações da paisagem, compostas da fauna e flora acompanhadas de poucos testemunhos deste contexto, deixando que a natureza, ora utópica, ora real, predomine. As obras são concebidas para um galpão monumental, possibilitando tanto a visualização individual de cada obra, assim como o diálogo entre as obras do contexto geral.

Surpreendentemente, as pinturas de Rosilene Luduvico nos revelam em especial nos grandes formatos, uma leveza incomum, como se as diversas camadas de pigmentos aplicadas sobre as telas estivessem como que a flutuar e não fixadas no suporte artístico. A técnica desenvolvida pela artista faz uma alusão à aquarela, apesar de ser executada com o uso de tinta a óleo. A sutileza e transparência provenientes da sobreposição das cores pastéis, dos motivos representados e do gesto artístico passam a ser pulverizados por

⁶ Roland Barthes, *Mythen des Alltags*. Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1996, 125-126.

⁷ No ano de 2006 Rosilene Luduvico retornou ao Brasil e mais especificamente à cidade do Recife para executar uma série de obras a serem expostas na Alemanha, no museu Haus der Kunst, em Munique, por ocasião da mostra “Frans Post” sob curadoria de Leon Krempel. Chris Dercon, diretor desta instituição, teve o ímpeto de trazer Rosilene ao Brasil, a fim de fazer uma releitura da obra de Frans Post através de sua própria obra, produzida, porém, em partes no mesmo local. Frans Post iniciou sua estadia brasileira em 1636 quando tinha apenas 24 anos de idade ao ser convidado a participar da expedição do Príncipe João Maurício de Nassau. Percorreu, assim, grande parte da costa brasileira, relatando a riqueza da natureza, assim como os costumes de uma nova sociedade, surgindo nos pequenos centros urbanos da época.

todo o local da exposição⁸. A diversidade entre motivos noturnos, diurnos, paisagens e a presença esparsa da figuração humana dominam a produção atual. Todos estes elementos são extraídos da vivência cotidiana da artista focando cenas triviais que, em seu conjunto, representam sua vida. Muitas vezes as idéias foram retiradas da imagem mental⁹, porém este artifício é dispensável no caso das obras a serem expostas no Museu Vale do Rio Doce, pois serão produzidas “in loco”, no seu local de procedência e que estão presentes em sua obra de forma contínua, mesmo contabilizando anos de residência no exterior.

A exuberância da paisagem local é enfatizada pela biodiversidade única da região serrana do Espírito Santo¹⁰. Rosilene homenageia e preserva este contexto em sua pintura e principalmente no políptico criado para esta mostra em uma composição frágil e delicada, características presentes em quase toda sua produção. A figura central é uma árvore¹¹ desnuda, ou seja, os galhos da mesma como um esqueleto sustentando toda a composição. Este elemento fascina Rosilene não necessariamente por sua simbologia, mas sim pela sua presença marcante. Assim como os artistas viajantes europeus dos séculos passados, a exemplo do já citado holandês Frans Post ou ainda pesquisadores que percorreram o Brasil como o austríaco Carl Friedrich Philipp von Martius¹² entre outros, Rosilene Luduvico é uma incansável observadora e reprodutora, em sua obra, da natureza do “Novo Mundo”¹³.

⁸ Tive a oportunidade de visitar diversas mostras de Rosilene Luduvico, assim como pude acompanhar a fase inicial da produção das obras destinadas à mostra brasileira, em seu atelier em Düsseldorf. Fico cada vez mais sensibilizada pela sutileza e leveza que as obras exalam no espaço. O uso das cores pastéis em camadas finas cria uma certa transparência agindo como receptáculo da luz que incide no ambiente. Tal experiência, pude vivenciar de forma semelhante, com uma série de pinturas de Cy Twombly expostas no Museu Hamburger Bahnhof, em Berlim: ao penetrar na sala de exposição, o espectador se sente plenamente envolvido por este ambiente de infinita leveza como a flutuar imerso no delicado emaranhado de cores e traços.

⁹ Segundo a semiótica: „A teoria imagética do pensamento mais radical vê, em imagens mentais, cópias icônicas da realidade. Esta idéia se encontra primeiramente nos epicuristas. Na opinião deles, os objetos da realidade irradiam, na forma de átomos invisíveis, cópias materiais que alcançam o cérebro humano como *eidola* ou *simulacra*. Assim, a imagem mental é um ícone da realidade”. Lucia Santaella e Winfried Nöth. *Imagem. Comunicação, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1999, p. 28.

¹⁰ Sua fauna é diversificada possuindo diversas espécies, tais como: macaco prego, tatu, tamanduá-de-colete, jaguatirica, tucano, araponga, veado catíngueiro, mão-pelada, trinca-ferro e sabiá além de animais ameaçados de extinção como sagüi-da-serra, onça sussuarana e barbado. O conjunto da vegetação existente na área do Parque inclui vegetação rupestre (que se desenvolve sobre pedras) e floresta ombrófila altimontana. As principais espécies encontradas são orquídeas, bromélias, ingás, cedros, cássias, ipês, canjeranas, além de várias espécies de canela.

¹¹ No Oriente Médio a árvore simboliza a Terra Mãe e a fertilidade. O mito de Adonis, nascido de uma árvore também tem a mesma procedência. Já na religião cristã a árvore desempenha um outro papel: Deus plantou todas as espécies de árvores no Éden incluindo as árvores da sabedoria, do bem e do mal. Adão e Eva comeram a fruta da árvore da sabedoria e a partir daí causaram o pecado inicial, o qual se propagou para toda a humanidade.

¹² Carl Friedrich Philip von Martius realizou uma viagem pelo Brasil no período de 1817 a 1820 juntamente com o zoólogo Johann Baptist Spix. Ambos percorreram uma superfície de 10.000 km em condições precárias, principalmente na região amazônica da América do Sul, a fim de documentar a fauna e flora local.

¹³ O termo “Novo Mundo” foi adotado pelos viajantes marítimos, os quais primeiramente seguiram rumo às terras desconhecidas nos séculos XV e XVI em busca de saciar o imaginário europeu.

A árvore desnuda, com poucos brotos, simbolizando o próprio renascimento, atua como suporte para uma quantidade imensa de pequenos pássaros¹⁴ esvoaçantes, de cores e formas distintas. A representação passa a ser tão real por transpor precisamente não somente as asas vibrantes, mas também o ar em movimento causado pela grande presença dos pequenos pássaros. Eles formam um grupo denso. Parte dos galhos permanecem livres como tentáculos autônomos a se expandirem pelo espaço. O grande formato proporciona ainda à artista explorar o gesto marcante de sua obra tanto pela leveza do fundo com características abstratas quanto pela predisposição de seu traço incisivo e realista por uma ampla superfície.

Esta paisagem solta em uma atmosfera nebulosa, carrega em si um segredo imerso no que poderia ser um contexto idílico ou extraído de um sonho. A árvore solitária acaba por se transformar em um complemento dos ávidos pássaros. Rosilene insiste neste motivo e o transpõe para uma cena noturna: na escuridão da noite surge uma fresta de forma arredondada, a qual dá acesso novamente a uma paisagem desolada pela presença novamente de um galho semi-seco, acompanhado de alguns poucos pássaros adormecidos.

O motivo da carruagem levada por um grupo de pássaros e presente também no desenho exposto, é retomada em uma pintura sobre tela, como que guiando sonhos e anseios secretos. Todo este contexto lúdico remete a um sonho sem fim...

Lugar sem dono

A mostra tem seu desfecho em uma sala contendo uma série de seis *portraits*. Todos os modelos são retratadas dormindo. O local onde se encontram permanece uma incógnita – lugar sem nome, formado somente por fundos monocromáticos complementados por vestígios de mobílias, sobre as quais os modelos descansam. Aos protagonistas não é dado nenhum atributo a não ser um chapéu, o qual encobre ainda mais a identidade de uma das modelos, que o utiliza. Seriam estas pessoas extraídas das séries anteriores como os solitários à beira da sociedade ou imersos em uma paisagem beirando o real e o surreal? A beleza e delicadeza dos traços são tão sutis quanto a presença dos pássaros, sobrevoando ou pousados, em outras obras de Rosilene.

Os contornos e traços finos, profundos, que compõem os retratos, aludem à técnica da xilogravura, tão comum em países percorridos pela artista, como o Japão. Os cabelos soltos e densos dos modelos dão uma certa dramaticidade na composição. Apesar de serem curtos, eles já formaram um paralelo com os *portraits* femininos de Eduard Munch¹⁵.

¹⁴ Pássaros são normalmente associados com imagens positivas, porém na mitologia eles podem representar má sorte. Entretanto, na antiguidade, os pássaros, assim como as borboletas, remetem à alma humana, que abandonam o corpo após a morte. Eurípedes os chama de “mensageiros dos deuses”. Segundo alguns estudiosos, os pássaros são um símbolo direto de Cristo. Os pássaros também assumem a representação do ar, ao tratarmos dos quatro elementos da natureza.

¹⁵ Uma série de obras de Rosilene Luduvico composta por quatro pinturas foi incluída na mostra “Munch Revisited. Edvard Munch and the Art of Today” idealizada para o Museum am Ostwall e apresentada no

Distante da realidade, os modelos permanecem indiferentes ao contexto e imersos em um estado privilegiado, próximo do divino e do inconsciente. O sonho noturno faz referência ao descanso após um dia de trabalho, enquanto que o sono diurno, o devaneio, está mais próximo da intelectualidade, pelo trabalho da fantasia e da imaginação. O estado em si constrói um *status* de indiferença, que acaba protegendo o protagonista do meio circundante: eles passam a ser senhores somente de si mesmos e do momento.

Lugar da pintura

Rosilene Luduvico conquistou nos últimos anos uma linguagem própria não somente pela temática de sua obra, mas também pela pintura em si desenvolvendo uma técnica e linguagem específicas.

Sua pintura é voltada para si, suas inquietações, envolvimento e demais indagações subjetivas e individualistas. Estas características, ou seja a tendência para o individualismo e introspecção teve um grande impulso no século XIX, época em que foi concebido o direito à individualidade dentro do Código Civil, surgido na legislação após a Revolução Francesa, como resultado de um processo de desenvolvimento da tolerância social. Este reconhecimento se dá pelo fato de que o indivíduo carrega em si uma certa intimidade e individualidade. Ela é formada pelos “Olhos do Coração”, a forma como vê e sente a realidade. A relação com a estética passa também neste período por um momento de transição – surge o desprendimento da norma e idéia de que toda obra de arte deva ser a reprodução do belo e perfeito pleiteados por um ideal de beleza clássico. Já Hegel mencionou em suas aulas de estética na Universidade de Berlim em 1818 que o mesmo indivíduo pode apreciar os preceitos clássicos e ao mesmo tempo os não clássicos, ou seja, as obras românticas. Ele reconheceu que a produção artística de sua época possuía outro conteúdo psíquico e valores espirituais distintos do que a arte clássica pleiteava. As obras do novo período o sensibilizavam pelo poder de interpretação, liberdade da fantasia diante do conteúdo e das regras como nunca visto anteriormente. Hegel via também que a idolatria diante da figura do artista passava para um patamar mais humano. Ele passou a ver a obra de arte como um produto de uma pessoa para outra pessoa, longe de mistificações e idolatrias quanto à imagem do artista. Ou seja a idéia da obra de arte é proveniente do ser humano e de sua experiência. A proveniência da obra, sua concepção passa a ser tão importante quanto à sua função, ou seja sua inserção na sociedade através de seu efeito e diálogo que há de criar: “Das Kunstwerk (ist) nicht für sich, sondern für uns (da), für ein Publikum, welches das Kunstwerk anschaut und genießt. Die Schauspieler zum Beispiel bei der Aufführung eines Dramas sprechen nicht untereinander, sondern mit uns, und

Museum für Kunst und Kulturgeschichte de Dortmund, no ano de 2005. As pinturas de paisagens de Rosilene Luduvico expostas nesta mostra tinham como figura central um corpo feminino, cujos longuíssimos cabelos se confundiam com a paisagem de galos secos. Esta figura feminina passa a ser carregada por uma figura masculina em direção à densa floresta de longos troncos de árvores. Rosilene sempre apreciou a obra de Edvard Munch. Alguns *portraits* femininos de Munch são dominados pela densa representação dos longos cabelos e em partes de rostos adormecidos, como na “Madonna” de 1893 do acervo do Munch-museet em Oslo, visitado anteriormente por Rosilene Luduvico.

nach beiden Seiten sollen sie verständlich sein. Und so ist jedes Kunstwerk ein Zwiegespräch mit jedem, welcher davorsteht“¹⁶.

A obra de Rosilene Luduvico exala contemporaneidade mesmo mantendo seus tentáculos na pintura romântica do século XIX. Ela vive sua época, da mesma forma como os artistas Casper David Friedrich e Eugène Delacroix entre outros, testemunhos de seu tempo e conscientes da história da arte de sua época – a qual já consistia na coalisão de diversos períodos. As paisagens nebulosas, fantásticas e solitárias de Rosilene Luduvico revelam em si características do romantismo por permitirem ao espectador vivenciar uma atmosfera introspectiva, na qual as pessoas, a paisagem e demais elementos são apresentadas em sintonia e em introspecção. Muitas de suas pinturas me fazem lembrar de obras impactantes e repletas de tendências metafísicas de Casper David Friedrich a citar “Der Wanderer über dem Nebelmeer”¹⁷ (O andarilho sobre o mar nebuloso) de aproximadamente 1818. O uso de cores frias e sombrias exalam uma intensa luminosidade, ofuscando assim detalhes da paisagem enfatizando no contexto geral uma grande melancolia e isolamento. Muitos dos protagonistas por ele representados aparecem só e imersos na paisagem desolada. Alguns deles remetem ao próprio artista como na obra “Der Wanderer über dem Nebelmeer” ao apreciar a paisagem e assim perceber a impotência do ser humano diante da grandeza da natureza em si. Nesta pintura o artista está de costas convidando assim as pessoas a visualizarem o mundo através de seu próprio “ponto de vista” e idéia reforçando assim a tendência à introspecção típica do romantismo. Casper David Friedrich buscava o isolamento, pois acreditava que a “auto-expressão” artística pode ser somente autêntica se o artista se isolar da sociedade e dos preceitos comerciais. A natureza é então para ele o refúgio ideal. Rosilene finaliza as obras a serem apresentadas no Museu Vale do Rio Doce também imersa na paisagem original de sua procedência buscando a essência de suas obras em si mesma e em seu habitat natural.

Outro pintor representante do romantismo e que me vem à mente ao analisar a obra de Rosilene Luduvico é Carl Blechen (1798-1840)¹⁸. Apesar de ser pouco conhecido fora da Alemanha produziu obras de grande caráter romântico. O seu problema foi ter nascido tarde demais para ser considerado um dos pioneiros do romantismo. Além disto tinha uma vida típica do romantismo extremamente bucólica e acompanhada de excessos como alcoolismo e boemia, o que lhe causou também uma existência curta. No início de sua carreira ficou ainda à sombra da obra de Casper David Friedrich. Gostaria de citar aqui mais especificamente suas duas pinturas “Das Innere des Palmenhauses” (O interior

¹⁶ „A obra de arte não existe para si, mas para nós, para o público que observa e aprecia a obra de arte. Os atores por exemplo na representação de um drama, não conversam entre si, porém com a platéia. Ambos os contextos devem ser compreensíveis. E desta mesma forma a obra de arte deve dialogar com todos que estejam a sua frente” (tradução livre da autora). Rudolf Zeitler, Die Kunst des 19. Jahrhunderts. Berlin: Propylän Verlag, 1990, 48.

¹⁷ Óleo sobre tela, 94 x 74.8 cm; Kunsthalle, Hamburgo

¹⁸ Carl Blechen foi homenageado com uma retrospectiva minuciosa na Neue Nationalgalerie de Berlim intitulada “Zwischen Romantik und Realismus” (Entre o Romantismo e o Realismo) de 31 de agosto a 4 de novembro de 1990, onde sua obra pode ser revista em sua amplitude pela primeira vez.

da casa das palmeiras)¹⁹. Nelas o artista representa uma coleção de palmeiras que o rei Friedrich Wilhelm III adquiriu na França. Karl Blechen realizou não somente uma reprodução fiel do espaço em si, mas transpõem em sua obra a sensação e sugestão precisa da atmosfera tropical: a temperatura, a umidade e o cheiro típico, sem ter vivenciado este contexto originalmente. Esta tentativa bem sucedida do artista me traz à mente a descrição da experiência vivenciada por Rosilene Luduvico ao chegar na cidade do Recife no nordeste brasileiro em 2006, onde permaneceria por seis meses a investigar a paisagem e contexto reproduzidos por Franz Post no século XVII. Devido à vastidão do território brasileiro, a estadia de Rosilene na região do nordeste do País também lhe trouxe experiências inusitadas e distintas do habitual contexto de sua procedência no sudeste do País. A artista pôde executar sua obra “in loco” distintamente de artistas como Carl Blechen, os quais tinham como recurso somente sua imaginação. Contudo o público destinado a apreciar as imagens dos trópicos criadas tanto por Carl Blechen, Franz Post ou mesmo Rosilene Luduvico permaneceu o mesmo – os alemães. Eis aí um desafio a mais para os artistas em questão: saciar o saudosismo tropical perseverante a tantos séculos. Tarefa bem executada, pois o resultado é composto de obras autônomas distantes dos clichês usuais.

Além disto a pintura continua sendo há séculos um dos gêneros mais presentes na arte contemporânea alemã, contexto eleito por Rosilene Luduvico para desenvolver sua carreira artística. Este fato é visível na recém inaugurada exposição celebrando 60 anos da criação da República Federal Alemã - Sechzige Jahre. Sechzig Werke. Kunst aus der Bundesrepublik Deutschland von '49 bis '09 (Sessenta anos. Sessenta obras. Arte da República Federal Alemã de 1949 a 2009)²⁰ – composta em sua maioria de pinturas retratando a evolução política e social do país através de obras de artistas como Georg Baselitz, Anselm Kiefer, Martin Kippenberger, Wolfgang Mattheur, Ruprecht Geiger, Jonathan Meese e Neo Rauch entre outros. Constantemente a pintura alemã é vista e revista como ocorreu com a mostra “Deutsche Malerei zweitausenddreißig” (Pintura alemã dois mil e três), também com obras de 60 artistas todos eles pintores enfatizando uma versão pictórica da realidade alemã.²¹ Nesta mesma época Rosilene encerra sua formação acadêmica e participa da mostra “Die Neue Düsseldorfer Malerschule” (A Nova Escola de Pintura de Düsseldorf). Sua obra passa a fazer parte do contexto de pintura alemã e internacional de maneira mais incisiva e com um grande frescor, como o propagado pelas diversas mostras citadas acima, as quais estavam focadas principalmente na pintura.

A recém editada publicação “Die Neue Deutsche Malerei” (A Nova Pintura Alemã) elabora um discurso voltado para a produção da pintura atual alemã levando em

¹⁹ 1832 - 1834, óleo sobre tela, 78 x 54 cm e 74 x 65 cm, Staatliche Schlösser und Gärten, Potsdam-Sanssouci, uma encomenda do rei Friedrich Wilhelm III como reprodução de uma estufa concebida pelo arquiteto Karl Friedrich Schinkel em 1831, na qual o rei pretendia guardar sua coleção de plantas exóticas. O prédio porém foi todo destruído em um incêndio em 1880. As plantas ali armazenadas em condições físicas propícias tinham como função servir à pesquisa científica e saciar a saudade de um não existente ambiente tropical.

²⁰ Em Berlim no Museu Martin Gropius Bau de 01 de maio a 14 de junho de 2009.

²¹ Exposição no Frankfurter Kunstverein de 15 de janeiro a 13 de abril de 2003.

consideração que esta seja imensamente manipulada por imagens baseadas supostamente na realidade. Elas porém são provenientes das novas mídias, cinema, outdoors, fotografia, vídeo ultrapassando as fronteiras entre realidade e ficção alterando assim o discernimento das informações obtidas. Esta avalanche impede a percepção da paisagem, som, local e tempo entre outros criando contextos deturpados. O crítico de arte e autor desta publicação Christoph Tannert, sugere então o desaceleramento deste processo para o retorno a uma percepção mais autêntica²². Eu diria que esta tentativa está sendo efetuada a exemplo da experiência vivenciada por Rosilene Luduvico na efetivação das obras que compõem a mostra “Lugar sem Nome”, o que é em si sua forma usual de atuação introspectiva.

Como já citado anteriormente Rosilene Luduvico reúne em sua obra características românticas e contemporâneas em plena harmonia. Sua linguagem é internacional e não necessariamente com embasamento exclusivamente na Europa onde vive ou na América Latina de onde vêm. Aliás uma das características mais marcantes da arte contemporânea latino-americana²³ é a aproximação e diálogo com tendências internacionais. Posso aqui por exemplo visualizar em termos de contemporaneidade um intenso diálogo entre obras de Rosilene Luduvico e Peter Doig, o qual abandonou a vida em Londres em busca de inspiração nas montanhas em Trinidad. Suas pinturas atuais também são repletas de características românticas com indivíduos isolados imersos na paisagem e posicionados de costas para o observador²⁴.

²² “Today, I find that the most interesting artists are those who work in accordance with the principle of “out of time”: painters who defend their activities within the expanding area of digital, visual art. “out of time” could be interpreted as meaning “outside of the time axis” or “away from the old game”. Inaccessibility is the preservative of the paintings. These have taken escaping from the treadmill of doing the same over and over again as their position. Scepticism of the everyday state of affairs seems to be appropriate. The daily rat-race often borders on the destruction of the self. On the other hand, the constitution of the self could be found in a deceleration of the speed of life”. Christoph Tannert: *Neue Deutsche Malerei*, Prestel: Munique, 2007, 44.

²³ O intercâmbio artístico tem sido muito intenso principalmente desde o século XX. Podemos citar por exemplo Tarsila do Amaral, quem realizou seus primeiros estudos em Barcelona. Após retornar ao Brasil fez parte do “grupo dos cinco” com Anita Mafalti, Menotti del Picchia, Oswald e Mario de Andrade, atuantes na Semana de Arte Moderna de 1922. Surge aí momentos marcantes da modernidade brasileira. Outro exemplo é o artista Alfredo Volpi, pintor italiano de renome internacional. Se mudou com a família para o Brasil com 18 meses de idade. A partir de 1911 passou a criar murais didaticamente. Sua pintura é toda baseada na tradição popular através de festas tradicionais com um respaldo em vestígios do período colonial especialmente pela reprodução de fachadas típicas desta época. O cotidiano também era para Volpi sua maior fonte de inspiração.

²⁴ „The characters that populate Doig`s worlds renew a romantic theme, that of the relationship between the individual and nature. Primarily, however, they put well-known patterns to the test. They turn their backs on the viewer or lie down flat, in line with the pictorial plane, in nature (*Daytime Astronomy*, 1997-98), they get lost high-flying or shooting beyond the surface (*Olin MK IV*, 1995) as though the extension of the pictorial space here were not merely thematically metaphorical, as if, in fact, the exuberance of the sporting high spirits could really transcend even the pictorial, object-like limitations”. Gabriele Mackert. Peter Doig. “Dear Painter, paint me... Painting the Figure since late Picabia. Schirn Kunsthalle Frankfurt. , Frankfurt a.M., 2002, 182.

Lugar próprio

Sem dúvida Rosilene Luduvico chegou ao seu lugar próprio. Lugar sem nome, Lugar de origem, Lugar decisivo, Lugar espacial, Lugar sem dono. Distante da ilustração, distante do realismo, distante do modismo – seu foco recai no ser humano introspectivo e em seu habitat.

“Mas aconteceu que o pequeno príncipe, tendo andado muito tempo pelas areias, pelas rochas e pela neve, descobriu, enfim, uma estrada. E as estradas vão todas em direção aos homens”²⁵.

Tereza de Arruda, curadora
Berlim abril/maio 2009

²⁵ Antoine de Saint-Exupéry. O Pequeno Príncipe. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2006, 64.